A PRIMEIRA VEZ NUNCA SE ESQUECE

MARIA LUIZA HEILBORN

Este artigo é resultado de uma linha de reflexão que venho desenvolvendo sobre construção de si e identidade sexual: análise comparada sobre carreiras afetivo-sexuais¹. É um estudo sobre trajetórias biográficas e valores peculiares ao domínio da sexualidade e do gênero entre homens na cidade do Rio de Janeiro. O material etnográfico compõe-se de 30 entrevistas, estilo história de vida, realizadas com homens de 20 a 45 anos, de diferentes inserções sociais. A idéia propulsora é reunir um *corpus* etnográfico significativo que permita analisar qual é o lugar da sexualidade na construção da pessoa em diferentes contextos culturais de uma sociedade complexa e heterogênea, possibilitando iluminar as articulações entre a esfera do sexual e a produção da masculinidade, em suas diferentes modulações.

Carreiras sexuais-amorosas circunscrevem a idéia de que os sujeitos têm em suas trajetórias biográficas um percurso de experiências, que são passíveis de serem recuperadas pelo observador/analista através da solicitação de um relato de vida, que privilegia determinados eventos. No caso em apreço, valoriza-se a iniciação amorosa/sexual. Partiu-se para tanto de uma afirmativa recorrente em vários depoimentos de que "a primeira vez nunca se esquece". Verdade é que podem ocorrer situações (desagradáveis ou não) em que a memória do entrevistado não conceda um lugar destaque em sua carreira amorosa a esse primeiro acontecimento. Contudo acredita-se que, mesmo sendo esmaecida na história que o indivíduo faça para si, essa circunstância e sua data funcionam como um catalisador de reminiscências que promove a rememoração da trajetória de vida nesse âmbito. A solicitação de um discurso sobre o primeiro acontecimento não descarta contudo os elementos que o entrevistado possa considerar relevantes para a explicação desse evento. Lembranças anteriores, ligadas à familiaridade com o tema do sexo, a socialização do gênero e as redes sociais que abrigam essa trajetória

¹ Neste trabalho as entrevistas foram coletadas ao longo de três anos em pesquisa no âmbito de uma investigação maior. Participaram dela bolsistas de iniciação científica do CNPq/Pbict e UERJ: Eduardo Ribeiro, Bianca Palermo, José Gabriel Correa, Ivá Maria Jardim Maksud e Leandro de Oliveira. A pesquisa contou com o apoio da Fundação Ford e da Bolsa Prociência da UERJ.

constituem aquilo que Simon e Gagnon² denominaram de roteiros sexuais, idéia inspiradora desse trabalho.

Nesse sentido, por trajetórias entende-se uma seqüência de experiências vividas, as datas em que estas tiveram lugar e suas circunstâncias, os intervalos e seus desdobramentos, valorizando-se o calendário amoroso-sexual experimentado pelos sujeitos. O desenrolar dos eventos são entendidos como roteiros possíveis delineados sobre um pano de fundo onde se combinam as diferentes marcas sociais que delimitam o campo de possibilidades dos indivíduos: origem e classe social, história familiar, etapa do ciclo de vida em que se encontram, as relações de gênero estabelecidas no universo em que habitam. Todos esses elementos fornecem as balizas para o processo de modelação da subjetividade, que aqui não é tomado como uma dimensão psicológica, mas sim como as circunstâncias sociais e biográficas que ensejam o sentido de eu. O objetivo desse procedimento é descrever de que maneira o sexual integra a constituição da imagem de si desses sujeitos, qual a sua relevância para a percepção enquanto homens e ainda de que maneira esta esfera se articula com valores e sistemas de atitudes referentes a outras dimensões de suas vidas. Adota-se por pressuposto que a sexualidade é um domínio da vida social que, como outros, importa em socialização, em interpretação de regras e significados, em constituição de um sistema de atitudes, em suma, na existência de um contexto cultural.

Neste artigo visou construir um argumento de como as correlações entre atividade sexual e gênero masculino são particularmente proeminentes na construção da imagem de si de homens. Estou deliberadamente assumindo que a sexualidade é um fenômeno historicamente produzido, como no dizer de Jeffrey Weeks³, uma unidade ficcional. E suponho mais ainda: apesar da sociedade contemporânea apresentar dispositivos generalizados de colocação do sexo em discurso, que entrecruzam as diferentes classes sociais, não só mediante seus mecanismos mais tradicionais como a medicina e a escola, como também pela mídia, o significado atribuído ao sexo varia segundo o grupo social e seu contexto. Não há homogeneidade da importância do sexual e nem tampouco a sexualidade se constitui como um domínio de reflexão racional e produtora de interiorização entre todos os segmentos sociais⁴. Trabalhando com a premissa de que no interior da sociedade contemporânea coexistem diferentes nichos culturais que guardam sua especificidade dependendo do alcance do foco que se queira sobre eles projetar, adoto a perspectiva de que tais distinções podem ser analiticamente reduzidas a dois tipos ideais, que reportam a uma visão holista do mundo e a uma outra, individualista. Esse recurso salienta que as distintas configurações de valores importam em modelos de constru-

² SIMON, H. e GAGNON, John. *Sexual Conduct: the social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine, 1973.

³ WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its Discontents: meanings, myths and modern sexualities*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1986, p. 15.

⁴ Cf. DUARTE, Luiz Fernando. Muita Vergonha, Pouca Vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES, José Sérgio Leite (org.), *Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura das classes trabalhadoras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Marco Zero, 1993 e HEILBORN, Maria Luiza e GOUVEIA, Patrícia Fernanda. *Classes Trabalhadoras, Mulheres e Sexualidade no Contexto da Aids*. In: *II Seminário sobre Saúde Reprodutiva em Tempos de Aids*, ABIA/IMS. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997, p. 43-54.

ção da pessoa e sentido de eu muito distintos. A comparação não pode supor uma linearidade das afirmativas dos sujeitos acerca do sexual e deve atentar para o modo como os sujeitos enunciam suas próprias trajetórias de vida e para como foram colhidos tais depoimentos.

O olhar antropológico caracteriza-se por tomar de maneira (mais ou menos) radical a afirmativa de que os temas a serem investigados somente fazem sentido a partir da teia de significados e relações sociais que os sustentam em um determinado contexto. Assim, tomando um exemplo direto, o que é sexo para um certo grupo não o é necessariamente para o outro e os nexos estabelecidos entre esta dimensão e as demais da vida social também variam. Se esta é uma aposta antropológica mais ou menos consensual, também é verdade que, para efeito de construção de um dado objeto ou perspectiva, há que se fixar um ponto arbitrário, onde paramos de inquirir e desconstruir nossas pressuposições para que a investigação possa prosseguir. Nesse sentido, produzir-se-á uma certa estabilização do que significa atividade sexual, a partir do critério que os entrevistados atribuem ao termo. Ainda que freqüentemente as pesquisas sobre sexualidade pareçam ser acusadas de se integrarem como mais um dos dispositivos de incitação ao sexo, como afirmava Foucault sobre as características da modernidade, as práticas sexuais podem ser objeto de estudo como o são outros hábitos relativos ao corpo: alimentação ou esporte.

Este é um procedimento que busca temperar o embate que tem marcado os estudos sobre sexualidade. Nele antagonizam-se as perspectivas construtivistas e o que se denomina como essencialismo, mas igualmente o peso que as representações acerca da sexualidade ocupam nos trabalhos e o lugar atribuído às descrições sobre as práticas. Com freqüência, o discurso sobre o sexo é tomado literalmente como aquilo que de fato acontece. Feitas as ressalvas sobre as possibilidades da observação, limitadas às descrições dos entrevistados, pode-se sopesar aquilo que aparece como ideal e o que os sujeitos contam como o sucedido e avaliar com que regularidade (não necessariamente estatística) tais atos integram suas carreiras sexuais. O intuito é evitar as tentações de um construtivismo excessivo no qual as práticas sexuais são analisadas em um segundo plano, ocupando as representações a cena principal. Certamente importantes elas são, mas a conduta não se espelha perfeitamente nesse mapa de orientações, até mesmo porque ele comporta valores contraditórios e níveis de relevância distintos para os sujeitos. Ainda que a observação sobre a esfera sexual seja menos direta e mediada do que a das demais da vida, há que se ensaiar uma descrição mais precisa dela no sentido de poder controlar as representações mais sumárias da atividade sexual⁵.

Sexualidade, gênero e classe social

A empresa comparativa entre trajetórias sociais muito distintas de homens pode causar espanto; no entanto, aqui se está longe de apostar na irreduzibilidade de

⁵BOZON, Michel. Observer l'inobservable: la description et l'analyse de l'activité sexuelle In: BAJOS, N.; BOZON, M.; GIAMI, A.; DORÉ, L. et SOUTEYRAND, Y. (orgs.). *Sexualité et Sida*, Recherches en Sciences Sociales, Paris, ANRS, 1995.

algo que se defina como masculino nos termos de uma essência ou disposição inata. Considera-se que na construção do gênero masculino, assinalados os contornos culturais da sociedade brasileira, inserida no complexo cultural mediterrâneo e, mais longinquamente, no horizonte de cultura ocidental, o manejo da atividade sexual por parte de sujeitos é ponto capital para a constituição de suas identidades de gênero.

Os homens entrevistados pertencem *grosso modo* a dois universos distintos. Um primeiro delinea-se como classes populares. São moradores de favelas cariocas, em especial Borel e Rocinha, e suas ocupações são as que exigem pouca qualificação como de porteiro, auxiliar de motorista, vigilante, auxiliar de escritório. As carreiras escolares se interromperam no máximo na conclusão do 2º grau, em geral ficaram na 5ª e 6ª séries, atingidas com dificuldades. Juntam-se aí os obstáculos de seguirem na escola pelo desestímulo da repetência e o ingresso no mundo do trabalho através de inúmeros expedientes precoces para ganhar dinheiro: carroto na feira, embalador em supermercado, construção civil. Já os homens pertencentes às camadas médias são moradores de diversos bairros da zona norte da cidade⁶. Suas trajetórias demonstram que a frequência à universidade é concomitante a uma inserção no mercado profissional e muitas vezes a "faculdade" é interrompida. Ter curso superior é uma estratégia de ascensão social, que em alguns casos não é alcançada e nem sempre os entrevistados estão empregados em áreas afins às de seus estudos. Pesquisas quantitativas disponíveis sobre sexualidade têm apontado a existência de uma diferença entre o calendário de iniciação sexual segundo o gênero e a classe social⁷. Mais especificamente no quesito classe social, a escolaridade desempenha um papel significativo não só na data de ingresso na sexualidade adulta como no modo de discursar sobre a mesma. O material aqui presente vem de certa maneira confirmar essa conclusão.

De fato, a iniciação sexual dos integrantes dos setores populares tende a ser mais precoce quando comparada à dos homens dos segmentos médios. Esse evento atrela-se a um processo de mudanças que tende a ocorrer em torno dos 12, 13 anos e que se exprime no meio popular pela experiência menos episódica do mundo do trabalho. Trata-se de um movimento físico e moral de exteriorização em relação ao mundo da casa, que pode ser lido em termos mais estruturais como a expulsão à qual a casa impele seus membros masculinos. A coincidência dessas datas não é fortuita; a escola não é um obstáculo em si para o início das atividades sexuais; é antes a mudança de *status* e a percepção de serem homens, de terem adentrado o universo masculino da "obrigação" de trazer dinheiro para casa (o grupo doméstico de origem), que enseja a iniciação. A atividade sexual é, assim, um dos apanágios de uma identidade de não mais criança e se integra no processo de constituição da masculinidade adulta⁸. Vê-se nessa superposição de calendários de

⁶ O Rio de Janeiro, acompanhando a característica do país, é uma cidade marcada por fortes contrastes sociais, que se espelham numa hierarquia social de bairros. O local de moradia é um indicador significativo das condições de renda. Os bairros da zona sul da cidade são os mais valorizados.

⁷ LAGRANGE, Hughes e LHOMOND, Brigitte. *L'Entrée dans la Sexualité*. Paris: Ed. de la Découverte, 1997.

⁸ HEILBORN, Maria Luiza. O Traçado da Vida - gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA Felícia (org.). *Quem Mandou Nascer Mulher?*. Rio de Janeiro/Brasília: Rosa dos Tempos/UNICEF, 1997. Ver em particular p. 317-319.

que modo a esfera sexual articula-se com outras marcas sociais, que sinalizam mudança de *status* etário. Já para os entrevistados situados em estratos mais privilegiados da hierarquia social, a iniciação tende a ocorrer num momento mais tardio; apresentando-se de quatro a cinco anos mais tarde na vida dos rapazes. A rotina escolar preenche de maneira mais intensa o cotidiano deles, seu universo de relações encontra-se mais restrito à sociabilidade ensejada pelo colégio, fortalecendo assim as marcas de pertencimento a uma dada classe de idade. Mudanças têm sido introduzidas nos últimos anos nesse cenário - vale ressaltar que as trajetórias biográficas aqui analisadas referem-se a mais de dez anos atrás.

Do conjunto desses depoimentos surgem alguns modelos de histórias da primeira experiência sexual. São os roteiros possíveis em que se pode desenrolar a passagem para a sexualidade adulta. Salientam-se dois pontos em comum a despeito das inserções sociais dos entrevistados. Um primeiro diz respeito ao que é sexo: a marca fundamental é a penetração. Diz Henrique, universitário e produtor de eventos na área cultural, 25 anos: "A gente se relacionava, se acariciava muito (com a namorada), mas não havia relacionamento sexual." (Ent: você chama ato sexual o quê?) "Penetração." Desse ponto da narrativa ele passa a descrever sua primeira vez, que acontece com uma moça, que não a sua namorada, com quem vem a terminar o vínculo, a despeito de gostar muito dela. Ele está então com 17, 18 anos e a nova parceira representa a entrada em mundo que desconhecia, amplia sua rede de sociabilidade até então restrita aos colegas de colégio.

"Eu gostava muito dela (da namorada), mas para mim era muito difícil. Eu estava muito ansioso para ter um relacionamento sexual nessa época. Ela era virgem. Aí eu conheci essa pessoa que era mais velha do que eu 2 ou 3 anos. Era uma mulher muito independente, livre. Era uma mulher para mim."

O segundo ponto a ser salientado refere-se à ênfase na aquisição do aprendizado técnico do sexo de que se revestem as falas sobre a primeira vez. Os depoimentos sublinham aspectos de sucesso ou de fracasso nessa experiência, e em geral trazem comentários sobre o tempo do ato (sempre rápido). Há uma tônica sobre a sua qualidade de ensaio, às vezes um pouco decepcionante em relação às altas expectativas de desempenho do sujeito e à romantização do ato. As explicações sobre as circunstâncias ganham assim lugar de destaque nas falas, e os depoentes elaboram uma reflexão em que ponderam sobre o porquê de suas performances.

"Naquela época, praticamente eu tinha medo de beijar com a língua...sabe? Tinha toda uma mitologia...tipo: o beijo tem gosto de fruta, de alguma coisa. Embora eu já tivesse beijado, eu esperava que o beijo da mulher que eu amasse, ele tinha que ser uma coisa mais doce. Isso era uma coisa meio retardada. Eu não beijava com a língua.(...) A mulher falava: 'me dá a sua língua'.... Eu ficava com receio, coisa de louco mesmo." (Dario, 27 anos, professor secundarista, Vista Alegre)

Os relatos indicam que a passagem é antecedida por etapas de aproximação com o tema, caracterizada como "curiosidade". Esse estado de busca de informações e socialização nas formas de abordagem do tema e das parceiras pode ser satisfeita pelas revistas masculinas, pelos vídeos, pelas conversas com colegas. Estas últimas apresentam maior importância nas entrevistas de homens de

camadas médias e indicam o peso que tem a habilidade de expressão verbal desses segmentos⁹. Em contrapartida, entre entrevistados pertencentes aos grupos populares nota-se uma recorrência de narrativas sobre atividades conjuntas, como a experimentação sexual compartilhada (incluindo-se a masturbação na presença de colegas).

Uma trajetória típica é aquela em que a iniciação é apresentada como abrupta. Ela não ocorre gradualmente no contexto de um relação de namoro. Aparece como um evento um tanto quanto isolado¹⁰. Este tem sido um contraste entre as trajetórias masculinas e femininas, que em verdade está tendendo a se matizar. As mudanças nas relações de gênero e a perda (relativa) do valor alocado sobre a virgindade feminina têm aproximado o calendário da iniciação sexual e também provocado uma alteração na figura da parceira para os rapazes; esta tem-se tornado a namorada e não mais uma relação eventual. No quadro aqui considerado, em que a maioria dos entrevistados encontra-se próxima dos trinta anos, a iniciação ocorreu há mais de uma década. Esse decurso temporal não deve ser minimizado. Assim os depoimentos estão marcados por um outro cenário, em que ainda prevalece a iniciação referida como repentina.

Se a narrativa no primeiro plano aponta para a iniciação repentina, por intermédio de frases como “minha cabeça começou a mudar”, pode-se inferir que ingressar na sexualidade adulta tornou-se um elemento de relevo naquele momento da vida dos rapazes. Sobressaem-se as situações de iniciação com mulheres mais velhas, com parceiras não exatamente desejáveis e, eventualmente, com prostitutas ou empregadas domésticas. Esses atos, em parte não plenamente adequados, são representados como “necessidade”, categoria que articula diversas circunstâncias da vida sexual desses homens, perpassando as fronteiras de classe. A “necessidade” se inscreve corporalmente, como uma demanda irresistível, mas também serve para explicar a escolha de parceiras não muito valorizadas.

“A primeira pessoa que eu namorei tem muitos anos, eu tinha uns treze, quatorze anos. Pô, foi com uma garota daqui mesmo, horrível. Ela era muito feia. Foi plena necessidade; né? Eu estava começando a mudar assim a cabeça, coisa de moleque. Aí, teve um colega meu que rodava na Kombi aqui, ele tava com uma garota e me chamou: ‘Tá a fim de sair por aí, vamos dar uma volta?’ Eu falei: ‘Vou para casa, vou dormir.’ ‘Não. Dá uma olhada aqui.’ Eu olhei e tinha duas garotas dentro da Kombi. Aí, fomos para o Alto, na varandinha ali em cima. Aí, ficamos com elas lá. Ele ficou com a garota dele, eu fiquei com a minha. Depois a gente trocou. Foi a primeira vez mesmo. Só aquele dia. Depois ela ficou me procurando, eu não quis mais não.” (Zildo, 26 anos, vigilante, morador do Borel)

Esse entrevistado descreve sua primeira experiência usando o termo “namorar” como um eufemismo de ter relações sexuais (“transar”). No Brasil, o vocabulário é extremamente rico para descrever os contatos corporais e etapas de um

⁹ Estou me refrindo à discussão corrente sobre a maior capacidade verbal e de reflexão disursiva dos indivíduos expostos a um maior treinamento das instituições escolares.

¹⁰ Ver nesse sentido SCHUCH, Patrice. Carícias, Olhares e Palavra: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários de Porto Alegre/RS. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social - UFRGS, 1998, 250 p.

relacionamento que visa a sedução. Termos como "azarar", "arrochar", "amassar", "cravar" descrevem graus diferentes de intensidade e ousadia na aproximação entre os corpos, que conotam movimentos físicos e algo de natureza moral que revela uma dimensão de força e caça que a sedução vista pela ótica masculina abriga.

Como contraponto, o depoimento de um homem integrante das camadas médias no qual relata sua primeira relação. Vale salientar que no caso ele retoma ao longo da entrevista o episódio e reelabora o significado da relação e de suas primeiras reações diante do fato. Registra que ao primeiro momento sentiu-se um "super-homem" por ter finalmente experimentado o sexo, para depois dar-se conta, em conversas com amigos, que ele havia superestimado a situação.

"Foi uma coisa mecânica, fria e sem sentido, entendeu? Mas, eu precisava daquilo, eu tava precisando, era a minha primeira experiência. Eu tinha uns 16 para 17, eu precisava daquilo...precisava, mas pô, eu me sentia um merda. Eu podia ter explorado 'n' coisas que eu não fiz." (João Manuel, 28 anos, economista)

A menção às possibilidades não exploradas alude à importância do aprendizado técnico do sexo para a construção da masculinidade, expressa na oposição entre sentir-se desvalorizado ("um merda") e "super-homem". A pressão pelo bom desempenho significa maximizar as oportunidades abertas pelo contato sexual ("fazer de tudo"). Este dado em parte dialoga com o material etnográfico aportado por Ondina Leal nesse dossiê¹¹. Ela salienta que, em termos ideais, as preferências masculinas pelas práticas sexuais são as de contatos denominados permissivos, ou seja aqueles contemplam a maior variação dos atos, enquanto que as mulheres acolhem como ideal as práticas restritivas, leia-se o sexo penetrativo vaginal. Essa disposição, culturalmente fabricada, não é de fato alcançada por todos os sujeitos, mas se integra como um dos elementos que definem masculinidade: uma disposição ativa para o sexo e o desejo de exploração de suas múltiplas possibilidades.

O cenário da iniciação complementa-se no fato de que o ato é invariavelmente contado aos pares. Essa intervenção aparece de forma indireta nos relatos, mas ainda assim ajuda a iluminar de que modo a opinião de interlocutores masculinos constrói a avaliação da experiência e a maneira como ela redundna na percepção de si. Estudos realizados sobre iniciação sexual (Lagrange e Lhomond, 1995) demonstram que a esfera de socialização masculina é de grupos mais exclusivos; as meninas não entram nesses grupos até o momento em que os rapazes começam a ter vínculos mais estáveis com moças. O inverso contudo não é verdadeiro - a experiência feminina de redes de sociabilidade aponta para existência de grupos mistos. Assim, por ocasião dessa passagem, os jovens têm como interlocutores pares da mesma idade que funcionam como a platéia de seu desempenho masculino. São eles que, através de comentários, sobretudo jocosos, expressos pela categoria de "encarnar", constroem o quadro de avaliação de si mesmo que os sujeitos fazem, e redefinem suas atitudes.

"Depois eu conheci uma menina. Fiquei com ela algum tempo, aí a gente

¹¹ LEAL, Ondina. Cultura Reprodutiva e Sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, vol. 6, n. 2, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1998.

teve..., ela não era virgem, era uma... Eu sempre tive um azar do caramba com mulher, vou te contar. Era o seguinte, ela era daquelas menininhas que dava para todo mundo lá, só que comigo ela quis namorar, aí já viu né?. Nego começou a **me encamar**.” (Nilton, 28 anos, auxiliar administrativo curso superior incompleto)

Galdino, 27 anos, é auxiliar de escritório, tendo concluído a quinta série do 1o. grau depois de diversas interrupções. Está casado com uma antiga namorada. Sua primeira experiência sexual, aos 13 anos, foi com uma colega de sua irmã, mais velha do que ele seis anos.

“Coleguinha da minha irmã, lá lá para casa tomar banho depois da praia. Mas eu era garoto ainda. Eu tinha uns 12 anos mais ou menos 13. E as meninas eram mais velhas do que eu. A garota me pegou um dia espiando pela fechadura. Eu fiquei meio sem graça. Mas aí começou a violar os peitos para cima de mim. Eu, meio sem jeito. Aí foi pintando o clima. A gente ... Depois, eu sai contando pros colegas; no principio eles não queriam acreditar.”

Na descrição da iniciação sexual nas camadas populares há menos detalhes do ato em si; quando eles surgem é por intervenção dos entrevistadores, que solicitam o esclarecimento das situações. As falas registram sobretudo seqüências de ações, que fazem convergir para uma conclusão de que o ato sexual aconteceu. Chamam a atenção situações em que o ato sexual é realizado na presença de pares, que atuam como incentivadores e figuras de suporte, e algumas vezes menciona-se a situação de troca de parceiras. Há ainda, como recurso de narrativa, diálogos entre os participantes das cenas que são reproduzidos nos depoimentos quase que por inteiro. Já entre os integrantes de camadas médias e pessoas com maior nível de escolarização, os detalhes das atividades dos corpos são mais elaborados, o discurso não mais apresenta a reprodução dos diálogos correspondendo à capacidade cultural de uma maior expressividade verbal e reflexividade¹².

Bernardo, 28 anos, estudante de medicina, iniciação sexual com a empregada doméstica de sua irmã em Fortaleza aos 12 anos de idade. Ele é originário desse estado do Nordeste, e começou a trabalhar com a mesma idade. De uma família pobre, filho de pai operário, é mediante grande esforço que realiza a entrada na vida universitária, combinando-a com o emprego diurno como comerciante. Sua carreira amorosa assinala a existência de uma primeira namorada com quem não teve relações sexuais. A não possibilidade de ter contatos íntimos com sua namorada está de acordo com sua visão de mundo: a oposição entre mulheres “para casar” e “para transar”; assim, sua primeira experiência sexual com uma empregada doméstica integra-se no se fazer homem, e também coincide com o fato dele passar a trabalhar.

À “necessidade”, urgência da corpo, é acoplado o desejo de dar satisfação às demandas sociais de mostrar-se homem. Ter a primeira experiência não é garantia automática de um novo *status*. É necessário o reconhecimento dos pares, que confere legitimidade à passagem. Essa chancela da rede social que cerca o sujeito ordena-se pela classificação das parceiras ideais. O regime das relações de gênero, prescrevendo condutas adequadas para homens e mulheres,

¹² Conferir neste artigo os trechos de depoimentos de João Manuel e Henrique.

intervém de maneira inequívoca nesse cenário da iniciação. Muito foi escrito sobre a representação generalizada na cultura mediterrânea de que homens e mulheres pertencem a classes distintas de seres (e não a indivíduos psicologicamente diferenciados). Este seria um dos traços característicos do perfil ainda tradicional da sociedade brasileira. O gênero, nesse contexto, fala de uma modelação da pessoa que a torna distinta, portadora de lógica peculiar, que é de difícil manejo para os homens e com a qual eles devem manter uma atitude de prevenção e suspeita. Ainda que as relações estejam organizadas por um princípio de valorização do masculino ou, como quer Bourdieu, de dominação¹³, o exercício dessa assimetria não se faz facilmente. É crucial manter-se nessa posição de quem tem as rédeas da situação embora isto signifique muitas vezes de fato não tê-las. Nesse sentido as parceiras a que os rapazes têm acesso, e conseguem manter, são de capital importância para o valor diante de si e dos demais. Esta dependência intensa do outro gênero sempre foi salientada na literatura sobre o machismo das sociedades latinas. As categorias de classificação do feminino opõem as mulheres fáceis, que “dão mole”, “piranhinhas” e “as mulheres para casar”. Esse parâmetro ordena o modo dos homens se aproximarem das figuras femininas, podendo-se reconhecer que, por vezes, se encontram com parceiras que preenchem seus requisitos de moralidade, mas que não há naquelas circunstâncias um acerto quanto ao destino que se quer dar ao vínculo.

“O máximo que eu namorei uma garota, antes de namorar esta garota, foi dois meses. Mas a garota era a maior galinha; sabe? A garota estava comigo e com uma dúzia; morou? Quando eu fui buscar a garota na escola, quase arrumei um pau e tudo! Pô! tinha três esperando a mulher, carácas! Aí, um colega meu me falou. Um perigo essa mulher! A maior galinha!” (Nelson, 24 anos.- auxiliar de portaria Borel)

No desdobramento da primeira vez delinea-se, a partir dos novos experimentos, uma carreira para o sujeito, que dialoga de perto com os modelos de masculinidade disponível. Em termos gerais, poder-se-ia definir como modelo exaltado de masculinidade hegemônica¹⁴ a figura do namorador, em sua versão amena, e a do “garanhão”, a mais exacerbada. Ele está representado pelo tipo que coleciona conquistas e namoros, que terminam de forma rápida, assinalando o momento em que a “pressão” feminina por um relacionamento mais sério chega ao limite de suportabilidade para o sujeito. É um paradigma que tem seu colorido diferenciado segundo as circunstâncias do cenário sexual, que atravessa as classes sociais, revestindo-se de nomeação distinta, mas que guarda um fundo comum. A “perturbação” é exemplar nas falas de integrantes das camadas populares, significando o comportamento de garotas ou mulheres que querem controlar a autonomia do indivíduo, seja na forma como ele se relaciona com os seus pares, no tempo que não despende com elas, seja na forma mais acabada para eles de controle, que é a proposição do vínculo (mais ou menos) perene: o casamento. Dessa lógica é

¹³ BOURDIEU, Pierre. *La Dominacion Masculine*. Paris: Seuil, 1998.

¹⁴ Sobre masculinidade hegemônica ver ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de século, 1995; e KIMMEL, Michel. A Produção Simultânea das Masculinidades Hegemônicas e Subalternas, *Horizontes Antropológicos: corpo, doença e saúde*, n. 9, 1998.

ilustrativa o depoimento de Felício, mais abaixo. Se a perturbação feminina é uma categoria que fala de uma alteração de um regime ideal de relação, do ponto de vista masculino, ela também representa nos segmentos populares uma categoria central para pensar desequilíbrios em diferentes áreas da vida¹⁵. Uma representação semelhante também está presente no universo de camadas médias, no caso do depoimento abaixo a **má intenção**, que alude ironicamente à Intenção masculina que é a de obter favores sexuais, sem a contrapartida do compromisso. A má intenção feminina é “amarrar” o homem.

“A Vanessa era mais tranqüilinha, caretinha, eu gostava de sair com ela. Mas ela tava a fim de arrumar paletó de trouxa, casar, segurei um pouco a onda e depois escapei pela direita, deixei ela a ver navios, larguei ela rapidinho, comecei a enrolar. A gente percebe quando a garota tá a fim de casar contigo tá com aquela má intenção. Não precisa ser esperto, não. Fui empurrando com a barriga... Ela tinha um outro babaca, mas ela gostava mais de sair comigo.” (Danilo, 28 anos, comerciante)

“Ela tinha 16. Eu tinha 24... 23. Namorei cinco meses. Ela tinha muita desconfiança e... juntava um pessoal na casa dela e fazia esses rituais de macumba. Aí, ela foi falar com o santo... Ele falou que eu estava saindo com alguém lá de baixo... Aí, eu falei: ‘Pôxa! Se você acredita nisso...’ Bem, eu não tinha, eu não estava mesmo; né? Mas eu não gosto de muita pressão em cima de mim. Mulher quando começa a **perturbar**... Ela tava pegando muito no meu pé. No começo ela aceitou: ‘Não. Tudo bem, tudo bem...’ Eu tinha fama de namorador (RISOS). Até hoje muitas pessoas falam.” (Entrev.- Você acha que você é?) “Eu não gosto de me sentir preso”. (Felício 26 anos, auxiliar de escritório, Borel, 2º grau)

Dos relatos dos homens, depreende-se uma intensa atividade do corpo nesses primeiros contatos: olhares, apalpadelas, carícias mais ou menos ousadas. Eles descrevem esses contatos como quase mecânicos; entretanto, eles são centrais para a aquisição de um estatuto viril de identidade. Furtar-se a essa atividade febril do corpo, ou sentir-se mal diante da expectativa de que ela assim se processe, é motivo de grande inquietação para os indivíduos, levando-os a se perguntarem se são realmente homens. Eles são impelidos a manifestarem esses signos nas tentativas de aproximação com as mulheres.

“Primeiro começou com um beijo, um amasso, peguei os peitinhos dela, chupei os peitinhos depois rolou um sexo oral e finalizando o coito propriamente dito, mas não sei...depois eu fiquei pensando bem, não foi aquela relação legal...as condições não foram das mais apropriadas, sabe? Eu fiquei temeroso de fazer um vexame e foi uma coisa rápida também.” (João Manuel, economista, 28 anos).

“Acho que ninguém nunca levou tanto não quanto eu. Naquela noite foi prá mais dez. Eu punha a mão, ela tirava. Depois cansei, virei e ia me embora, aí ela chegou, perguntou: qual era? Eu disse: você não tá a fim? Ela acabou topando. Mulher é um bicho engraçado.” (Mario, 29 anos, ajudante de caminhão, Borel)

¹⁵ DUARTE, Luiz Fernando. *Da Vida Nervosa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

O homem tímido ou os percalços da dominação masculina

A timidez masculina foi um dos pontos ressaltados em diversas carreiras e cruza os grupos de *status* da sociedade brasileira. A timidez é uma nomeação que recobre os obstáculos na aproximação com o sexo oposto. Bozon e Heilborn¹⁶ já haviam explorado tais dificuldades ao assinalarem que a constituição dos sujeitos marcados por roteiros de gênero que demarcam fortemente as esferas masculina e feminina faz com que esses momentos iniciais de contato com o mundo feminino pela conquista de possíveis parceiras revelem-se como altamente tensos e cheios de expectativas. Está em jogo não somente conseguir ser bem sucedido em atrair parceiras, como sobretudo ter suas conquistas aprovadas pelo seu grupo de pares. As parceiras devem ser valorizadas pela rede masculina que o circunda. Este reconhecimento intragênero é crucial para a construção da identidade masculina¹⁷. Assim, mais do que afirmar uma certa configuração psicológica dos sujeitos, a timidez masculina revela de que modo a hierarquia de gênero, ao lado dos leques de privilégios sociais que designam a cada um dos sexos, pode ser constrangedora para os indivíduos. A timidez é então aqui considerada como um designativo sociológico de uma inabilidade ou incapacidade momentânea (talvez persistente em alguns casos) de ser bem sucedido com os roteiros prescritos para o gênero masculino. Entre as atitudes arroladas nesses roteiros encontram-se tomar a iniciativa de buscar uma mulher que os pares considerem adequada, ultrapassar as barreiras de aproximação com o sexo oposto através do jogo de sedução, manter a posição masculina de (relativa) superioridade sobre a parceira e, finalmente, poder contar ou mostrar para a rede de amigos que essa etapa foi cumprida. Essas condutas esperadas podem ter um custo muito alto para os sujeitos. Nesse sentido, os relatos masculinos quando falam da timidez exprimem a dificuldade de preencher determinadas capacidades socialmente atribuídas aos homens¹⁸.

“Eu nunca mais a vi. E era uma mulher mais velha que eu, bem mais velha que eu. Porque eu era muito tímido. E aquela coisa de ela ser muito mais velha que eu, aquilo me incomodou também...A minha idéia era de uma garota mais nova, mas eu não tinha coragem. Aí, depois eu fui em uma zona de prostituição, também.” (Humberto, 45 anos, professor universitário).

Henrique, cujo depoimento foi o primeiro a ser mencionado neste artigo, revela o desenrolar da relação que manteve com a mulher com quem fez sexo pela primeira vez. Sua parceira jamais foi comunicada que era a sua iniciadora; ele tinha “vergonha” do fato de ser virgem até os 18 anos. A estratégia que mantinha com amigos era contar histórias inverídicas sobre a sua atividade sexual – “Eu precisava

¹⁶ BOZON, Michel e HEILBORN, Maria Luiza. Les Caresses et les Mots: l’initiation amoureuse à Rio de Janeiro et à Paris, *Terrain*, n. 27, Paris, 1996.

¹⁷ Richard Parker já havia assinalado essa propriedade ao escrever que “as figuras adicionais (no caso masculino, machão, corno; a bicha e o viado) desempenham “ações cruciais na construção do gênero na vida diária” (*Corpos, Prazeres e Paixões*. São Paulo: Best Seller, 1991, p. 74).

¹⁸ O depoimento de Humberto integra o material de campo sobre carreiras sexuais da dissertação de Mestrado de Regina Ferro do Lago – Bisssexualidade Masculina – dilemas de construção da identidade sexual. Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 1999.

afirmar meu lado masculino”. O relacionamento com Mônica não consegue ser mantido para além dos seis meses de duração:

“Ela tinha uma vida muito independente e às vezes me obrigava a acompanhá-la, eu não me sentia muito à vontade. Eu era muito tímido e retraído. Eu conhecia pessoas novas e ficava meio devagar. Tinha problemas em casa apesar de já ter 19 anos, tinha hora para voltar. Ela não tinha esse esquema”.

Esse relato aponta para o fato de que o descompasso entre as expectativas de gênero é o que mantinha o entrevistado em posição desvantajosa diante da parceira. Sobre ele era exercido um controle por parte dos pais que o deixava numa posição feminina. A inversão era assim a responsável pela timidez e retração diante das situações de lazer que ela patrocinava e frente à rede de amigos. A diferença de idade funcionava ainda como um reforço para a inversão dos roteiros de gênero.

“Eu via todo mundo namorar e essas coisas todas e tinha vontade de namorar, mas sei lá, eu era inibido. As oportunidades quando apareciam, eu ficava muito envergonhado”. (Tenorio, 22 anos, soldado do exercito, Rocinha)

Sem entrar na voga tão cara aos *men's studies* e endossar descuidadamente a tese do fardo da masculinidade, observa-se que as situações de desconforto com os roteiros de gênero prescritos para os homens são inúmeras. A timidez é assim um caso exemplar de atributo negativo, impeditivo de sucesso na esfera da sedução e do desempenho sexual. Característica idiossincrática? A resposta não é de fácil solução. A timidez relatada pode desaparecer de acordo com o desenvolver da carreira sexual e do progresso na escala etária. Um melhor desempenho nos roteiros prescritos para o gênero masculino pode propiciar a superação desse estado. A timidez impede a adequação ao modelo hegemônico de gênero masculino: o namorador, aquele que tem facilidade de acesso e lábia para “ganhar” parceiras. As metáforas utilizadas para se referirem à relação com o sexo oposto falam de força e audácia masculinas (“resolvi encarar”), um certo tipo de talento que determinados homens não sabem como obter. Essa circunstância adquire feições de tensão em particular no momento que o calendário socialmente sancionado indica como adequado para a iniciação sexual. Os “tímidos” falam dos percalços da dominação masculina no âmbito da vida amorosa e sexual.